

VIOLÊNCIA: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS NO ESPAÇO ESCOLAR

Autora: RODRIGUES. Penha Sebastião da Silva¹. ppenhas@hotmail.com
Co- autora ¹ SOUSA. Denisia Brito de.²
denisia.brito.sousa@gmail.com

RESUMO: A violência escolar é um exemplo das principais dificuldades que são observadas e percebidas no contexto escolar. Esse problema agrava-se de tal forma que nem a família nem a escola conseguem resolvê-lo. Este artigo tem como objetivo examinar e questionar os conceitos imputados sobre as causas e consequências que são atribuídas aos alunos na escola da atualidade como desenvolvimento dessa problemática e os questionamentos das providências que serão tomadas para resolvê-la ou amenizá-la. Nessa perspectiva objetiva-se interpor a partir da realidade educacional dos nossos alunos, necessita-se primeiramente conhecer e reconhecer, a maneira como as pessoas que estão inseridas nessa realidade contêm em si as situações problemáticas que vivenciam e as soluções para a transformação dessas situações. A questão “violência escolar” não é um problema que se resolverá isoladamente, mas somente atingindo todo o contexto escolar. É preciso uma integração maior entre a escola, a família e as esferas públicas, buscando uma solução conjunta com a inclusão de novas ideias que possibilitem uma representação das intervenções nas escolas, e principalmente o redimensionamento nos comportamentos dos docentes, gestores e outros sujeitos envolvidos no processo que visa à transformação do educando para a cidadania.

Palavras-chaves: escola, família, indisciplina e dificuldades.

ABSTRACT

VIOLENCE: CAUSES AND CONSEQUENCES IN SCHOOL SPACE

ABSTRACT: School violence is an example of the main difficulties that are observed and perceived in the school context. This problem worsens in such a way that neither the family nor the school can solve it. This article aims to examine and question the imputed concepts about the causes and consequences that are attributed to the students in the school of the present time as development of this problematic and the questions of the measures that will be taken to solve or ameliorate it. From this perspective, it is objected to interpose from the educational reality of our students, it is necessary first to know and recognize, the way in which the people who are inserted in this reality contain in themselves the problematic situations that they experience and the solutions for the transformation of these situations. The issue of "school violence" is not a problem that will be solved in isolation, but only reaching the entire school context. A greater integration between the school, the family and the public spheres is necessary, seeking a joint solution with the inclusion of new ideas that allow a representation of the interventions in schools, and especially the re-sizing of the behaviors of teachers, managers and other subjects involved in the Process that aims at the transformation of the student into citizenship.

Key words: school, family, indiscipline and difficulties.

¹ Graduada em Língua portuguesa e Literatura pela Universidade ESTADUAL Vale do Acaraú- UVA
Graduada em Pedagogia pela Faculdade Kurios FAK.
Pós-Graduada em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA
Pós-graduanda em Gestão Escolar e Administração Escolar
Mestranda em Ciências da Educação Pela ANNE SULIVAN. MESTRADO INTERNACIONAL EM EDUCAÇÃO.

² Graduada em Biologia pela Universidade ESTADUAL Vale do Acaraú- UVA
Graduada em Pedagogia pela Faculdade Kurios FAK.
Graduanda em História pela Universidade Regional do Cariri
Pós-Graduada em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Regional do Cariri.
Mestranda em Ciências da Educação Pela ANNE SULIVAN.

1 INTRODUÇÃO

A violência escolar é hoje uma das grandes preocupações não só da escola, mas da família e da sociedade de forma geral. Mesmo sendo alvo de debates e discussões em livros, revistas, congressos e outros, passa pela influencia da mídia levando esse dialogo como ponto importante para a sala de aula, instituições e órgãos públicos. Com o passar dos anos e principalmente nos dias de hoje, os quais a tecnologia quando utilizada de forma errada aliena o mundo e a mente das pessoas, o contato próximo e contínuo na escola com os alunos incentiva-nos a questionar: o que realmente é violencia e quais as causas que influenciam os alunos a este indesejável comportamento?

Assim sendo, a busca pela solução deste problema levado à discussão são enfocados e questionados aqui através de fundamentações. Pretende-se descobrir meios de avaliar os alunos do sétimo ano e perceber os principais motivos pelos quais eles são considerados violentos.

Iniciou-se esse trabalho no intuito de buscar respostas fundamentadas em pesquisas realizadas através de estudos bibliográficos, as quais subsidiaram selecionamos as respostas, sugestões e questionamentos.

Este trabalho traz reflexões para os educadores acerca do conceito de violência escolar, suas causas e como ela se manifesta no contexto escolar e familiar; trazendo assim novas perspectivas e percepções de como traçar estratégias efetivas que possam minimizar o comportamento considerado “indisciplinar e violento” dos alunos, como também dos professores e os métodos de ensino por estes usados.

“Há um ditado chinês que diz que, ‘se dois homens vêm andando por uma estrada, cada um carregando um pão, e, ao se encontrarem, eles trocam os pães, cada homem vai embora com um; porém, se dois homens vêm andando por uma estrada, cada um carregando uma ideia e, ao se encontrarem, eles trocam as ideias, cada homem vai embora com duas’. Quem sabe é esse mesmo o sentido do nosso fazer: repartir ideias, para todos terem pão (...)”
(CORTELLA, 1998 *apud* TREVISOL, 2004).

A fala do autor remete Aqui, que o diálogo em sala de aula é fundamental para que estas mudanças aconteçam trazendo benefícios para ambos os envolvidos no processo ensino-

aprendizagem. Os professores devem mudar sua didática, como também reconhecer que não é mais necessário dar aulas, e sim, realizar troca de ideias.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de caráter bibliográfico. Nesse sentido, o intuito foi registrar tudo que foi pesquisado em material já elaborado como livros, revistas, artigos e sites para analisar e conhecer como acontece o combate a violência, as ações de melhoria para o bom convívio no espaço escolar.

Desta forma, fica a compreensão de que a pesquisa serviu para investigar e conhecer o processo que envolve questões relacionadas à violência, sendo suas causas e consequências um assunto importante e delicado para ser discutido no contexto social escolar, já que envolve diversos fatores externos e particulares. No entanto, esta pesquisa teve uma natureza aplicada através da pesquisa bibliográfica para saber as considerações de autores sobre a temática.

A realização deste estudo baseou-se no estudo dos teóricos que trabalham e pesquisam sobre o processo de violência na escola tendo em vista que a problemática da violência na escola aponta espaços teóricos e empíricos para explicar quais os motivos que levam a esse fenômeno frequentemente encontrado na dinâmica juvenil.

3 DEFININDO VIOLÊNCIA

Ao investigarmos os conceitos de violência, verifica-se que este é muito abrangente. Os conceitos aqui elencados divergem quanto ao significado da palavra: Inicialmente faz-se necessário saber o significado da palavra violência deriva do Latim “violentia”, que significa “veemência, impetuosidade”. Mas na sua origem está relacionada com o termo “violação” (violare) (FERREIRA, 1986).

Não se deve estudar o conceito de violência separadamente de disciplina e violência, pois ambos constituem-se de mesmas causas, ambientes e consequências. Não é somente na sala de aula que estes comportamentos são observados. Portanto, ao estudarmos estes

conceitos, (AQUINO, 1996, p. 73), esclarece que: “todo ato ou dito contrário à disciplina que leva à desordem, à desobediência, à rebelião, constituir-se-ia violência”.

Atos violentos e indisciplina manifestada por um indivíduo ou um grupo, é compreendida, normalmente, como um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzida na “falta de educação ou de respeito pelas autoridades, na bagunça ou agitação motora” (TREVISOL, 2004).

A violência é um dos problemas que aparecem atribuídos aos alunos, como se ele fosse culpado. Mas está articulada a um contexto mais amplo (PELEGRINI, 2005) que inclui escola, família e sociedade. Segundo Wallon (1975, p. 379) o que se busca é “obter a tranquilidade, o silêncio, a docilidade, a passividade das crianças de tal forma que não haja nada nelas nem fora delas que as possa distrair dos exercícios passados pelo professor, nem fazer sombra à sua palavra”.

Essa temática é de grande relevância para a educação, causando polêmica em toda rede de ensino como afirma Rodrigues,

São estudantes rebeldes violentos e sem disciplina, que não prestam atenção na explicação do professor, conversam o tempo todo e falam ao celular, quebram carteiras, jogam papéis no chão e nos colegas, andam na sala e não tem concentração em nada (2017, p. 8).

Causando assim dois caminhos para atos de violência e a indisciplina: pode representar de um lado, a discordância, às práticas de excessivo autoritarismo, tirania e, de outro, estímulo a uma espécie de tirania às avessas, na qual o projeto pedagógico fica submetido à vontade do aluno ou do adolescente (TEREZA, 2004, p.4). Analisando por este ângulo a violência poderá ser conceituada como uma ação tirânica e opressora. Portanto, apresentar reações contrárias às tiranias vigentes poderá ser interpretadas como uma virtude.

4 CAUSAS DA VIOLÊNCIA

A violência no contexto escolar acontece por uma série de razões. Uma delas refere-se a forma de sociabilidade, configurando-se como um mecanismo de controle social, aberto e

contínuo, Santos (2001 p.107), afirma que “a violência surgiria como uma insociabilidade, configurando-se como um mecanismo de controle social, aberto e contínuo. Para amenizar tal situação, seria necessário a atuação da família na vida dos filhos no processo educacional, mas há dificuldade de estarem sempre presente na vida dos seus filhos devido trabalharem até muitas vezes três expedientes; e portanto eles ficam a mercê de empregado(s), os quais não se sentem com o direito de impor limites ou chamar-lhes atenção com rigidez, os pais por sua vez, preferem não discutir sobre o assunto deixando a resolução dos problemas a cargo da escola.

Outra razão possível para atos de violência dentro e fora da escola refere-se ao novo ritmo na vida dos meninos e das meninas, marcado pelas novas tecnologias e o imediatismo das coisas. (SANTOS, 2008, p. 118).

Para complementar o comentário de Santos, Rodrigues afirma que:

Ao assistir aos desenhos animados televisivos como: (Tom e Jerry) que se trata de dois personagens que praticam violência com fantasia e exagero, algumas estórias orais e nos livros que são consideradas politicamente corretos faz com que as crianças percebam que seus personagens muitas vezes utilizam a violência para conseguir os seus objetivos, por vezes são atos nobres. Diante disso é inegável o poder de sedução da televisão e a capacidade de imitação das crianças o que pode perigosamente interferir na formação cognitiva destas. (RODRIGUES, 2017 p. 07).

Se aceita as declarações acima citadas tendo em vista que a “televisão”, o uso da internet e os jogos de vídeo games estão sempre atuais, inovadores, cheios de cores, efeitos especiais, com imagens rápidas e alucinantes. Por esta razão, quando chegam à escola e os professores continua com as mesmas aulas formatos os alunos estranham e reclamam, pois a didática do professor é sempre a mesma. Essa configuração se expressa em diferentes manifestações de mal-estar, em tensões e conflitos denunciados pelos estudantes. (SANTOS, 2008, p. 118).

A criança e o jovem precisam de referência, pois, muitas vezes, não têm condições para tomar decisões ou fazer escolhas. Precisam do adulto para auxiliá-la nessa construção, através do diálogo, que, necessariamente, sugere a existência de limite e estímulo ao exercício das virtudes, para levá-la a viver a moralidade como conquista de dignidade e auto-respeito.

Desse modo, a causa da indisciplina pode ser entendida como reflexo de enfraquecimento do processo de desenvolvimento moral, sendo assim a falta de limites o principal fator para a existência da violência presente na sala de aula. (OLIVEIRA 2004, p.4).

Alguns estudiosos atribuem às questões disciplinares que ocorrem na sala de aula à crise nos valores morais e éticos pelas quais passa a nossa sociedade as, o que define como uma característica da pós-modernidade. (OLIVEIRA, 2004, p.5). Aquino (1996, p. 07) afirma que “a maioria dos educadores não sabe ao certo como interpretar e/ou administrar o ato indisciplinado. Compreender ou reprimir? Encaminhar ou ignorar?”.

O reconhecimento da importância da família para o processo educacional é mencionado em vários artigos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Nº 9.394/96), que estabelecem a obrigação das instituições de ensino e de seus docentes se articularem com as famílias, visando integrá-las à escola, e auxiliarem a fortalecer os vínculos familiares.

4.1 – Para diminuir a violência escolar não há uma “receita” pronta.

4.1.2 – Algumas sugestões

O mais importante é tentar entender as atitudes dos alunos e alunas, quais são as mensagens que eles estão passando por meio da linguagem dos atos de violência; por que eles desobedecem e desafiam? Por que muitos insistem em atrapalhar as aulas? Por que tratamos colegas de forma desrespeitosa e agressiva? Por que estragam, riscam e destroem sua própria sala de aula, sua escola?

Para compreender esses “recados” cifrados, deve-se, em primeiro lugar, abandonar duas afirmações muito freqüentes. A primeira é que a violência é um fenômeno recente nas escolas ou, pelo menos, que aumentou de maneira surpreendente nos últimos anos. Não há nada que comprove isso, embora haja um aumento de sua visibilidade e possa ser verdadeiro um aumento do debate violência. Agora distinguimos a importância de aumentar, na escola, os limites de participação, bem como os espaços dessa participação. (GARCIA, 2006) A escola poderia estabelecer outro diálogo, ou, reinventar o que entende por diálogo. Se nas escolas prioriza a queixa dos professores sobre a 'falta de respeito', por exemplo, não se refere apenas

de garantir respeito a este ou aquele sujeito social. Entendemos que ali o respeito carece antes ser reinventado.

A seguir apresentam-se algumas considerações sobre encaminhamentos disciplinares preventivos em nível de escola que têm se mostrado efetivos, tanto segundo nossa observação quanto de acordo com a literatura especializada. Tais estudos indicam que uma diretriz disciplinar ampla, de base preventiva, é o melhor recurso que uma escola pode desenvolver.

Aspectos bem documentados por estudos comparativos reside na existência de diferenças significativas entre escolas pouco disciplinadas e escolas muito disciplinadas. Aquelas que têm baixa incidência de problemas disciplinares não é o produto do acaso ou de programas de curto prazo. Revelam elementos comuns, quando observadas comparativamente. Um destes elementos é a existência de uma postura comum entre os profissionais da escola, com base num compromisso de estabelecer e manter uma disciplina estudantil apropriada, entendida como uma condição necessária para o processo de ensino-aprendizagem.

Tal diretriz deve incluir o desenvolvimento de orientações (regras e procedimentos) disciplinares claras e de base ampla, as quais ganham em legitimidade à medida que são desenvolvidas com a participação dos estudantes, tornadas claras e conhecidas de toda a comunidade envolvida com a escola. O primeiro ponto a ser destacado refere-se à necessidade de as escolas desenvolverem uma diretriz disciplinar de base pedagógica ampla, legitimada pela comunidade escolar, consonante com seu projeto político-pedagógico.

É necessária, ainda, uma disseminação ampla destas orientações comuns, que assegure que todos os estudantes, pais e profissionais da escola tenham claras as expectativas sociais e pedagógicas que estarão sendo praticadas pela escola. Em oposição ao enfoque autocrático, a abordagem democrática tende a oferecer melhores resultados não apenas em termos das atitudes, mas também do envolvimento e participação dos estudantes na escola (GORDON, 1999).

É importante ressaltar que tal diretriz disciplinar não deve se restringir a estabelecer um conjunto de normas que organizem o ambiente escolar, mas deve também orientar a própria cultura daquilo que a comunidade deseja em termos de desenvolvimento disciplinar. Afinal, a disciplina deve ser também um objetivo educacional (GARCIA, 1989, p 105).

O educador de hoje deve estar capacitado a se identificar com o aluno, numa relação afetuosa, porém, ajustada e autônoma, permitindo-lhe exercer suas atribuições com liderança, criatividade e sabedoria. Compete aos professores descobrir os meios, os recursos e as técnicas que correspondam às necessidades atuais. Precisa fazer do relacionamento professor-aluno uma relação de interesse pelo desenvolvimento integral do educando. (OLIVEIRA, 2004, p. 9). Para isso, precisa buscar conhecer cada aluno na sua totalidade, ajudando a todos conforme suas reais necessidades.

“A agressividade é adquirida pelo menos em parte, pela Identificação” (OLIVEIRA, apud Hillal, 1985, p. 28). Afirma, ainda, que a personalidade da criança se forma “por uma sequência de identificação dos pais, dos professores (...), deixando marcas profundas (...)” (p. 29-30). Considera também que “o contato entre professor e aluno pode trazer consequências positivas ou negativas para o educando” (p. 37).

Percebe-se então, quão grande é a responsabilidade desse profissional, pois, ao mesmo tempo em que um professor pode estimular, pode também dificultar o desenvolvimento de centenas de crianças.

A disciplina na escola não pode ser construída de maneira isolada do contexto, no qual acontece a aprendizagem, em que precisa desenvolver a cooperação, a criatividade e a autonomia dos alunos. Daí à necessidade de se estabelecer uma relação professor-aluno, num clima de confiança e respeito mútuos. Para esta autora, os professores não deveriam expulsar da escola o aluno difícil, mas expulsar a dificuldade.

A construção de uma imagem positiva de si é uma necessidade psicológica essencial. O sentimento de vergonha é motivo de “escolha de condutas e esforços”. Portanto, torna-se impossível pensar a moralidade sem o sentimento de vergonha. Esse sentimento, geralmente, vem associado ao sentimento de culpa, no entanto, cada um com sua função e natureza.

No caso de uma transgressão moral, vê-se bem a diferença e a complementaridade entre culpa e vergonha: culpa de ter transgredido uma lei e vergonha de ter fracassado na busca da realização correta do ideal introjetado. (AQUINO, 1996, p. 15).

Uma pessoa que ignora e despreza o juízo dos outros, certamente, não considera censurável cometer certos atos condenados pela moral. “O sentimento de dignidade ou honra é inerente ao juízo e às ações morais, seja qual for a fase do desenvolvimento”. (AQUINO, 1996, p. 16). Para compreendermos a importância de as pessoas desenvolverem uma imagem positiva, de si incluindo a dimensão moral, analisemos as seguintes considerações:

Imaginemos uma criança a quem se coloquem poucas proibições morais, poucas normas claras de conduta, uma criança que seja essencialmente valorizada no que diz respeito às condutas de sucesso (ser o mais forte, o mais rápido etc.) ou à sua beleza física. Quais serão as decorrências de tal educação? (AQUINO, 1996, p. 16-17)

Respondendo a essa pergunta, o autor explica que uma criança que receber tais estímulos não sentirá receio de perder o amor dos pais, quando se comportar de maneira contrária à moral vigente em sua sociedade. Essa criança só sentirá vergonha quando não atender às condutas de sucesso ou de beleza física, ou seja, quando não se mostrar forte, bonita, ágil, bem-sucedida, pois a imagem de si foi formada com base em valores contrários à moral.

O autor ainda ressalta algumas atitudes referentes aos pais, à quais devemos estar atentos:

Se os pais valorizam certos comportamentos como necessários ao sucesso (por exemplo, uma competitividade contrária a solidariedade), não somente a criança não sentirá vergonha ao infringir regras morais, como poderá até sentir orgulho. Em fases ulteriores de desenvolvimento, será grande a probabilidade de o ideal-de-ego introjetado passar longe da moral e o respeito mútuo não fazer sentido, por terem sido valorizados aspectos das ações e da personalidade que não incluem a dimensão da reciprocidade. (AQUINO, 1996, p. 17).

Observamos que, nos dias de hoje, os valores que se encontram em evidência como essenciais são os materiais, de posse. Isso leva a ficar em segundo plano a vergonha associada à moralidade, não importando ao indivíduo a sociedade, mas apenas os amigos mais próximos e os seus interesses individuais.

A vergonha perdeu o seu caráter de sentimento moral no trato das questões do espaço público, não mais regula a ação do cidadão frente a opinião pública. Os sujeitos permanecem sentindo vergonha é claro, mas a associam justamente a seus fracassos pessoais e demais “decepções do homem individualista” (AQUINO, 1996, p. 19).

Essas reflexões de Aquino (1996) remetem-nos a algumas análises sociológicas: “o homem contemporâneo desertou o espaço público: somente lhe interessa o que é privado, íntimo” (p. 21). Isso está traduzido através do *descaso demonstrado pelo espaço público*, por atitudes como as de jogar lixo no chão da sala de aula, no pátio da escola e nas ruas.

Para uma solução, um dos meios seria, já que muitos alunos apresentam o motivo da indisciplina na falta de motivação das aulas, os profissionais da educação serem valorizados na sua essência e nas suas particularidades e também os professores deveriam se bem pagos e mais preparados. Para Libâneo,

A prática pedagógica é uma prática social envolvendo uma inter-relação adultos-aprendizes, observadas a fase de desenvolvimento psicológico e social destes últimos, e que visa modificações profundas nos sujeitos envolvidos a partir da aprendizagem de saberes existentes na cultura conduzidas de tal forma a preencher necessidades e exigências de transformação da sociedade. (1986, p. 43).

A primeira refere-se à relação professor – aluno – conhecimento/ agente – clientela – objeto institucional. A segunda sugestão ainda segue essa formulação teórica, porém, acrescenta a necessidade de desconstrução e reconstrução desse conhecimento junto com os alunos. Aquino (1996) sugere algumas formas de atuação para a minimização da indisciplina escolar.

As brincadeiras servem para analisarmos como os nossos alunos se comportam individualmente, como também, eles pensam, vêm ou analisam o mundo e suas transformações. “instrumentalizar os alunos para que participem de processos coletivos convivam e discutam com pessoas, defendam seus argumentos, inter-relacionem-se e integrem-se aos grupos (coletivos) para a construção de novos conhecimentos” (BEHRENS 1996, p. 46).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento dessa pesquisa foi muito importante, isso pelo fato de poder identificar na literatura que lidar com a violência no contexto escolar ainda é um grande desafio. Partindo dessa premissa considera-se a participação da família como uma grande aliada no processo escolar, ajudando os filhos a se desenvolverem de forma positiva na escola.

Vários são os fatores que interfere o bom andamento dos alunos na escola, a violência nesse sentido, vem afetar a relação com a aprendizagem escolar. As causas muitas vezes podem ser consideradas como ausência de carinho, falta de tempo dos pais, faltas de tempo dos pais, briga entre famílias, pais separados, tudo isso faz com que as crianças tenham dificuldades em interagir com outras crianças e gerar atos de violência. As práticas pedagógicas que podem ser utilizadas durante o processo escolar para evitar conflitos podem variar dependendo da realidade de cada sala de aula e dos conhecimentos didáticos do professor.

Ao levantar a problemática “o porquê da violência na escola” não pode deixar a culpa decair sobre os professores, pais e nem muito menos nos alunos, todos tem sua parcela de contribuição, e não se deve deixar de fora a falta de políticas públicas adequadas à realidade encontrada nas escolas públicas e particulares. Nesse contexto fica claro que o sucesso da escola é também o sucesso de todos, assim como o fracasso. Diante disso é responsabilidade de todos contribuir para a melhoria das relações na sala de aula e fora dela.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 8. ed. São Paulo: Summus, 1996.

BEHRENS, Marilda Aparecida (2005). **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis: Vozes.

FERREIRA, A, B, H, **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2ª Ed. Rio de Janeiro Nova Fronteira 1986.

GARCIA, J. **Indisciplina na escola**. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, n.95, p. 101-108, jan./abr. 1989.

GARCIA, J. A gestão da indisciplina na escola. In: COLÓQUIO DA SECÇÃO PORTUGUESA DA AFIRSE/AIPELF. 11., 2001, Lisboa. Atas. Lisboa: Estrela e Ferreira. 2006.

LIBÂNEO, José C. Tendências pedagógicas na prática escolar. In: LIBÂNEO, J.C. **Democratização da escola pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1986.

PELLEGRINI, A, & Bartini, M. **Uma comparação empírica de métodos de amostragem agressão e vitimização nas configurações escolares**. 2000.

RODRIGUES. P.S. Projeto de Pesquisa. **A influência da violência na Aprendizagem dos alunos das escolas da cidade de Juazeiro do Norte-CE**. 2017.

SANTOS, J. V. **A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias**. Educação e Pesquisa. 2001.

TREVISOL, Maria Teresa Ceron. **A (in) disciplina na escola: sentidos atribuídos por profissionais da educação**. 2004.

WALLON, H. **Psicologia e educação na Infância**. Lisboa: Editorial Estampa 1975.